



# Vinculum

collegamento interno della compagnia missionaria del sacro cuore



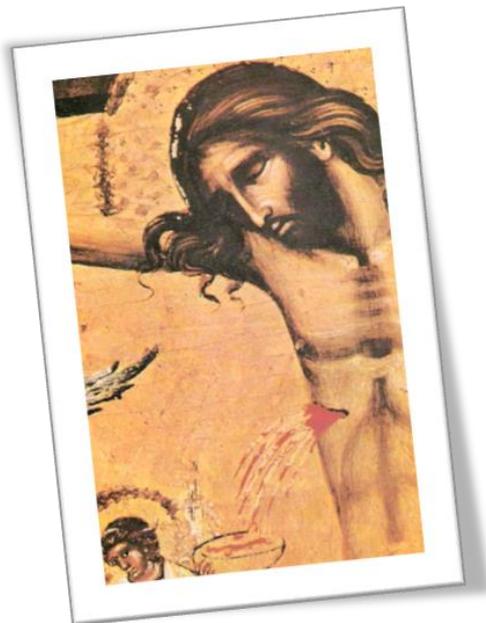
## «Tecer laços de união»



Queridos/as

*A nossa espiritualidade brota da contemplação de Cristo no mistério do seu Coração Trespasado (cf. Jo 19,37), sinal de amor total pelo Pai e pelos homens... (Est. nº 5) e leva-nos a viver a viver "a vida de amor até nos fazermos comunhão com Deus e com os irmãos, segundo o modelo que Cristo nos deixou e o exemplo da primeira comunidade cristã" (Est nº6). Neste mês central para a nossa família CM e contemplando a realidade que vivemos, em cada lugar do mundo, somos convidadas a refletir sobre o seguinte:*

**O nosso carisma é um dom** que devemos compartilhar, quotidianamente, para colaborar na reconstrução das realidades marcadas pela divisão e pela falta de entendimento, ao dar-mo-nos conta da pouca tolerância e das reações negativas que impedem uma convivência serena. Pouco ou muito, há sempre alguém que necessita do nosso contributo e entregamo-lo/ damo-lo/ com muita humildade e amor, para tecer laços de união.



**O Amor que se torna Comunhão é uma das nossas colunas (um dos nossos eixos) em que mais somos e seremos provados. Requer voltar em cada dia ao Coração de Jesus, para beber dessa fonte onde encontramos a graça de renovar a capacidade de discernimento, escuta e diálogo nas nossas relações quotidianas, em cada ambiente da nossa vida, como bem o apresentam os nossos Estatutos de Familiares e Missionárias: "Fazer comunhão com os irmãos significa sobretudo "perder-se" para reencontrar-se em Cristo e fazer-se com Ele escuta, disponibilidade, doçura, respeito, ponte de encontro, força unitiva...com" todos" ...**

Convido-vos a perguntar: o que devo curar no meu coração para aumentar a comunhão com Deus e com os meus irmãos? Onde e de que modo concreto, o Senhor nos chama hoje a ser seu instrumento de comunhão?

Nesta Solenidade do Sagrado Coração, bebamos d'Ele as graças que enchem os nossos corações com o Seu Amor, para sermos testemunhas autênticas da misericórdia e da reconciliação.

Em fraterna comunhão, abraço-vos.

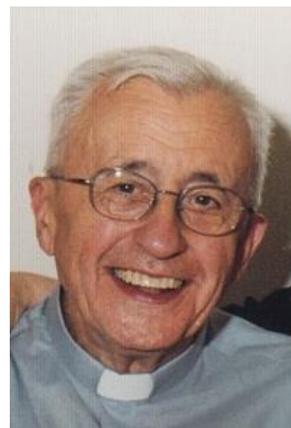
Graciela

**“Abençoada Festa do Sagrado Coração para todos!”**

**“Encontrão tempo e humildade”**

*Era o ano de 1970 quando o Pe. Albino teve a ideia de escrever algumas reflexões sobre o Estatuto da Companhia Missionária do Coração de Jesus. Um compromisso que continuou por alguns anos e que ajudou o Instituto a dar solidez e consistência ao seu caminho.*

#####



Penso entrar em contacto convosco, este ano, também por meio desta folha. Chegará até vós sem um compromisso estrito de periodicidade: sempre que me seja possível, aproveitando os momentos de particular disponibilidade a Deus e os retalhos do tempo, entre um trabalho e outro de apostolado.

O número 1 do Estatuto oferece-nos, a meu ver, uma visão completa da nossa Família. Nasceu pequena, como um rebento tenro, lentamente a Providência introduziu a nossa Família em novas estradas de progresso e de testemunho nunca antes pensados. *“A Companhia Missionária do Coração de Jesus é um Instituto Secular de direito Pontifício que encontra na espiritualidade de amor e de oblação, colhida da Sagrada Escritura e expressa de modo culminante no mistério do Coração trespassado de Cristo, o alimento da sua vida interior e da sua missão...”*

**Cântico de gratidão**

Um agradecimento sincero ao bom Deus. Reconheçamos que a sua mão nos conduziu muito além dos nossos méritos e capacidades. Igualmente, um obrigado de caloroso afeto e gratidão a Nossa Senhora. Ela desempenhou, com evidente empenho, o papel de diretora. Mas é mais correto dizer: a sua parte de mãe. Não deixemos de invocá-la assim, como começamos a invocá-la no nascimento de nossa Família: *“Ó Maria, mãe, guia e custódia da Companhia Missionária do Coração de Jesus, rogai por nós!”* Podemos continuar o nosso caminho tranquilos se nos acompanha, em cada passo, a oração e a benevolência de Maria.

Um agradecimento do coração a todos vós que, ao longo destes anos, destes um contributo generoso de pensamento e de trabalho para o testemunho concreto e o desenvolvimento da nossa Família. Mas isto é talvez o mínimo, porque muitas vezes a vossa palavra e o vosso exemplo foram luz para o meu espírito, para traçar de forma mais concreta e evidente as linhas do nosso serviço a Deus e aos nossos irmãos. Mantenhamo-nos nesta afetuosa e laboriosa “comunhão”. É o amor e o interesse de Cristo que nos reúne e nos mantém solidários no trabalho, na oração e na esperança, Cristo estará connosco e construirá connosco. *“Porque, onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, aí estou eu no meio deles”* (cfr. Mateus 18, 20).

**Uma realidade:** o amor e a imitação de Jesus estabelecem-se nos hábitos da nossa vida sobretudo com a oração. A oração comunitária e litúrgica pressupõe a oração pessoal e nela encontra alimento e conteúdo. É indispensável, portanto, que também nós e os jovens que encontramos sejam corajosamente conduzidos à contemplação, que é oração necessária a toda a vida cristã e ainda mais para a alma consagrada para a qual constitui a atitude típica da sua virgindade.

Não esqueçamos, todavia, que o único mestre na vida de oração é o Espírito Santo, o qual se esconde aos soberbos e se revela aos pequeninos e só a estes se concede como espírito de filiação, no qual clamamos: Aba, Pai.

Ao lado do Espírito, uma tarefa misteriosa e irrenunciável pertence a Maria. A sua presença silenciosa e materna nos ajudará a conservar a "simplicidade dos pequeninos do Evangelho", nos defenderá do perigo de entrar no número daqueles sábios e capazes que não compreendem as coisas do Reino, nos tornará verdadeiramente pobres, mansos, famintos de santidade, misericordiosos, puros de coração, aqueles a quem ele concederá a paz de Deus. É importante encontrar tempo e humildade para rezar. Se a oração tem tanto valor, se é, em definitivo, o caminho necessário para encontrar Cristo, eis algumas reflexões sobre este tema que brotam de Marcos 1, 29-39.



Um autor do nosso tempo, precisamente sobre esta passagem do Evangelho, dizia: «Jesus dá os primeiros passos do seu ministério: **ensina e cura** com tal sucesso que poderia obscurecer o significado da sua missão. Para isso **ele reserva um espaço de tempo** para entrar em contato com a vontade do Pai na oração e no retiro. Esta vontade não muda as suas

diretrizes: Jesus deve ir ao encontro do maior número possível dos homens. Então Jesus deixa os seus concidadãos para percorrer toda a Galileia”.

Se às vezes detetamos alguns desvios na nossa vida, se nos sentimos insatisfeitos e inquietos; não será porque os interesses, as nossas opiniões, o jogo das circunstâncias nos desviaram do caminho que Deus traçou para nós? Talvez porque não tenhamos **encontrado tempo e humildade** para nos pormos à escuta dele, para rezar.

Estatuto nº 18 e nº 68: *“Deixar-nos-emos guiar por Maria, para que possamos ser testemunhas credíveis da missão salvífica de Cristo... Um espaço de tempo vivido em comunhão com Maria para exprimir-lhe o nosso amor e renovar-lhe a nossa consagração...”*. “Maria é modelo daquele afeto materno de que devem estar animados todos quantos cooperam na missão apostólica que a Igreja tem de regenerar os homens” (L.G. nº 65).

Acrescentarei uma palavra sobre a recitação do Terço. É uma oração antiga, mas sempre nova. Quando a recitamos parece que somos transportados e elevados para meditar, com a ajuda de Maria, os mistérios da vida de Jesus que disse: *“O que eu fiz, fazei-o vós também”*.

Os mistérios gozosos são os mistérios da fé que nasce da humildade de Maria e da sua caridade para com Isabel, da pobreza do presépio, da busca de Simeão e de Ana, do templo onde se reza.

Os mistérios dolorosos são os mistérios da esperança: não há esperança onde não há dor. Se a semente não apodrecer, não brotará nem florescerá. No abandono de Jesus no Getsémani, no seu corpo flagelado, na sua cabeça coroada de espinhos da humilhação e da ingratidão, no caminho do Calvário, na sua morte na cruz, a nossa esperança torna-se a certeza da bem-aventurança eterna.

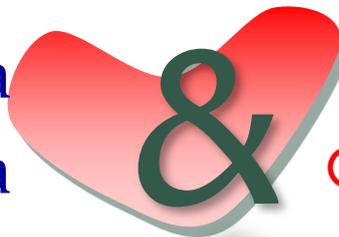
Os mistérios gloriosos são os mistérios do amor: na ressurreição de Jesus, inseridos na sua humanidade com amor infinito, tornamo-nos filhos de Deus e irmãos de todos os homens; na Ascensão temos a nossa vocação ao apostolado, apostolado do amor; no Pentecostes, o Espírito Santo torna-nos ardentes como o fogo e ressonantes como o trovão no mundo; na Assunção de Maria, pensamos a sua morte de amor e a sua glorificação no céu onde nos espera para gozarmos com Ela a eterna bem-aventurança do amor.

O Rosário não é uma devoção individual: no Pai-nosso e na Ave-maria rezamos por nós e por todos. É uma liturgia que encontra na família (e portanto também nos nossos grupos) o lugar mais conveniente para a sua recitação.

*Dos escritos do Pe. Albino Elegante*  
**Ao cuidado de Santina Pirovano**

**Formação**

**Companhia  
Missionária**



**Espiritualidade  
de comunhão**

*“... tornai plena a minha alegria  
com a união dos vossos espíritos,  
com a mesma caridade,  
com os mesmos sentimentos...”*

*Fil. 2,1-5*



*«No 'Ecce venio e no Ecce ancilla  
está compendiada toda a nossa  
vocação e o nosso fim, o nosso  
dever e as nossas promessas»*

*p. Leone Dehon*

Bolonha – 17 junho 2023

As palavras de S. Paulo e do Pe. Dehon, acima citadas, exprimem algumas atitudes fundamentais para que um grupo de pessoas possa estabelecer relações de comunhão. A fraternidade por vós escolhida como condição para exprimir a vossa vocação - ainda que em formas diversas - *tem o seu fundamento na vida teológica*, porque o segredo da felicidade do homem e de uma nova humanidade está no próprio mistério da Trindade: *a comunhão*.

### **Premissa - Comunhão: uma urgência muito atual**

Sentir-se unidos por um carisma – a espiritualidade do Coração de Cristo – e pelo valor da *comunhão* pode dar-nos a sensação de pensar e sentir todos da mesma maneira, pois temos valores e linguagens comuns-que dão a sensação de homogeneidade. De facto, a realidade é mais complexa. Cada pessoa aspira a valores e atitudes que considera importantes para a própria existência e procura traduzi-los em comportamentos coerentes. As aspirações ideais, todavia, ainda que fundamentais, não bastam: elas constituem o ponto de partida, que deve encarnar-se em escolhas de comportamento coerentes com tais valores. O caminho da nossa vida está inteiramente nesta tensão constante entre *o ideal objetivo e o compromisso subjetivo* de traduzi-lo na vida quotidiana.

Diante da espiritualidade do Coração de Cristo expressa na vida e nos escritos do Pe. Dehon – e mediada pela *Companhia Missionária* através do Pe. Albino Elegante – cada um sente ressoar dentro de si alguns valores que percebe mais “seus”, mais em sintonia com o seu ser.

Esta ressonância interior, todavia, deve ser vivida com um cuidado particular: aquilo que cada um de nós sente ressoar dentro de si, como elemento mais em sintonia com a sua realidade pessoal é simplesmente *o ponto de partida para abrir espaço a todo o resto do Evangelho*. O mesmo seja dito dos aspetos que sente mais cansativos: esses indicam os *pontos mais necessitados de atenção e de compreensão para torná-los objeto do próprio caminho de conversão*.

A nível geral, de fato, é importante vigiar para *não reduzir a espiritualidade a uma realidade teórica ou puramente subjetiva*. Sentindo, porém, mais centrais e evocativos para nós mesmos alguns valores do Evangelho, cada um de nós não pode/não deve confundir uma parte com o todo, mas, a partir daquilo que sente mais em sintonia com a própria realidade pessoal: *todos somos chamados a viver uma vida inteiramente evangélica, que nos conduza a ser uma humilde encarnação de Deus Amor*.

O mundo de hoje, tão ferido e ofendido nas relações tem necessidade disso. Com efeito, hoje em cada âmbito da nossa sociedade, a *liberdade* é percebida como um valor que divide mais do que une. É cada vez mais posta em causa para colocar distância, para marcar os limites entre as pessoas, não para favorecer a sua união. Hoje, a *competição* assume um papel cada vez maior, aliás, parece ser o critério dominante: o egocentrismo, o arrivismo, a carreira, o culto do sucesso a qualquer custo, chegar a ser os primeiros e melhores que os outros... são estes os novos "mandamentos" da cultura atual. E também nós, em comunidade ou em família, não estamos isentos destes ídolos e das dinâmicas que eles desencadeiam. O resultado está à vista, é *a rotura das relações humanas*.

O mundo inteiro – não só o mundo ocidental – está doente, atingido por uma doença que progressivamente o corrói naquilo que tem de mais humano: *a capacidade de estabelecer e manter relações permanentes e fiéis, a capacidade de comunhão, gratuidade, amor, pertença, unidade...* A exaltação unilateral do indivíduo como sujeito que pode encontrar a própria realização em si mesmo, separado da comunidade e da família, ou mesmo em contraposição aos outros, é o *leitmotiv* da cultura atual. Não importa se o nosso tempo se caracteriza também por fenómenos que se difundem como a depressão, o suicídio, a insatisfação com a vida: não obstante a enorme necessidade de comunicação e comunhão, a nossa época paradoxalmente parece conspirar contra ela.

Por outro lado, isso pode ser reconduzido a um dado ontológico: em todos nós há um *desejo* de comunhão/amor/amizade, mas estas realidades também nos fazem *medo*. Há um aspeto de *fascínio e medo* no encontro com o outro, seja ele quem for, porque a diversidade do outro nos põe em discussão, porque intuímos que a abertura ao "outro" provoca e exige uma mudança.

Quando nos consagramos escolhemos viver à luz do Evangelho - em comunidade ou em família - acolhemos o convite para iniciar uma aventura misteriosa, muito maior do que a nossa capacidade de imaginação. Não escolhemos viver em comunidade porque já nos sentíamos capazes de viver de modo evangélico. Tampouco podemos esperar desfrutar de um clima de relacionamentos perfeitos e ideais fornecidos por irmãos ou irmãs. Em vez disso, iniciamos a vida comunitária *porque acreditamos na possibilidade e na verdade de tais valores* para nós e para o futuro do mundo; *porque acreditamos e esperamos* que somente na tensão constante a um amor simples, pobre e desinteressado nos tornamos verdadeiramente "filhos" do Deus de Jesus Cristo e construímos o seu Reino.

Viver juntos à luz do mandamento do amor é um ideal que repetimos, muitas vezes, mas é um projeto muito além das nossas capacidades e das nossas pobres forças, e reserva surpresas contínuas. Começamos este caminho, mas não sabemos aonde nos conduzirá e o que nos pedirá. Acreditamos e esperamos, contudo, que *a vocação recebida traga consigo a graça para reconhecer aqueles sinais da história que nos permitirão sintonizar-nos com o coração de Deus*,

para que seja tenaz e visível nos nossos gestos quotidianos, a nossa contínua procura e abertura ao Bem, a escolha de colocar o amor e a reconciliação de Cristo no fundamento da nossa vida.

O mandamento do amor - *amai-vos uns aos outros como eu vos amei* (Jo 15,13; 1Jo 1,3-4) - é o fundamento da vocação cristã e da espiritualidade do Coração de Cristo. Isto significa: dar a vida. E para não cair no moralismo ou no subjetivismo, numa espiritualidade desencarnada ou num ativismo autorreferencial, uma sã espiritualidade faz-nos *manter unidas contemplação e ação, para viver numa atitude de discipulado concreto, para permanecer numa saudável tensão rumo à liberdade de amar como ama Deus*.

A partir do texto rico de significados dos vossos *Estatutos de Missionárias e Familiares* e das vossas respostas, apresento-vos alguns pontos de reflexão para uma verificação e aprofundamento específico que ajude a concretizar, não só a conhecer, os valores próprios da espiritualidade do Coração de Jesus.

### 1. Uma espiritualidade de comunhão

Para evitar voos de fantasia, perguntemo-nos: *o que é que se entende com o conceito "espiritualidade"? Entendemos uma vida teologal, isto é, fé e esperança vividas como amor responsável na/da história*. Precisamente para viver a fundo a história dos homens, *nós procuramos constantemente a sintonia com o Coração de Deus-Amor*, único princípio ativo de qualquer possibilidade de comunhão. A nossa vida fraterna, em comunidade e em família, encontra aqui as suas raízes.

Tudo inicia com a atitude de **acolhimento**. Trata-se de acolher o dom do Espírito de Deus que nos quer construir à sua imagem; acolher o Amor que nos precede e vem sempre ao nosso encontro. O Amor acolhido nos levará a ser **filhos**, isto é, a ser imagem de Deus. E como Deus não é solitário, mas mistério de comunhão, também *nós encontramos a nossa identidade na abertura e na comunhão com o outro* (natureza, homens, acontecimentos, Deus). Só permanecendo sempre abertos à *alteridade* se constrói em nós a imagem de Deus, descobrimos a nossa identidade.

Somos *chamados a viver juntos para nos acolhermos*: somos confiados uns aos outros para ser sinal daquele acolhimento original de Deus que nos faz ser e nos põe constantemente na Vida, no Bem, no Amor; para que o seu poder se revele nas nossas fraquezas.

Neste sentido, *comunidade e família são lugar privilegiado de crescimento para o amor e fundamento de toda ação pastoral*. A condição é que procuremos viver *uma autêntica vida teologal* e possuamos *um olhar contemplativo* capaz de ver Deus a agir constantemente na nossa vida. Deus está presente em tudo, mesmo se não se vê, mas para se tornar visível deve passar através do nosso acolhimento. Com efeito, para agir no mundo criado, Deus escolheu *encarnar-se*: primeiro na Palavra e depois no Verbo feito homem. *Agora pede para se encarnar na história de cada um de nós*. A nossa opção de vida é oferecer-nos a Deus com tudo o que somos para ser espaço da sua ação no mundo, hoje, e comprometermo-nos com o trabalho na história. Neste sentido realizamos aquele "complemento real da imolação de Cristo" (Estatutos, 10), que não acrescenta nada à oferta de Cristo, mas a atualiza na nossa vida, permitindo-nos a nós de viver aquela união ao Coração de Jesus que nos faz "*permanecer n'Ele*" (cf. Jo 15), ser uma só coisa com Ele. Assim se vive *a conversão à liberdade de amar como Deus ama...*

### 2. Para uma comunhão viva

A vocação consagrada alimenta-se da comunhão com Deus e com os irmãos/irmãs. O que dizer de mais especificamente a este propósito? Que atitudes vos solicitam os vossos Estatutos para crescer na sua realização? Partilho convosco de forma gradual, algumas breves reflexões que considero importantes para viver com realismo uma espiritualidade de comunhão. Aquilo que é referido à comunidade é válido - com as devidas distinções - também para a família.

### **a. Uma visão dinâmica da vida.**

*A vida é em si mesma relação, assim como o amor diz relação.*

*As ciências humanas, com a visão dinâmico-evolutiva que as caracterizam, informam-nos que a pessoa é relação e se estrutura através das relações. O homem, ou seja, não é ele mesmo de forma clara e definitiva no momento do nascimento, mas torna-se através de uma densa rede de relações que o constituem na sua identidade, permitindo assim também a expressão da sua interioridade. Cada um de nós cresce e torna-se indivíduo graças às comunidades vitais (sociedade, família, escola, grupos, comunidade...) e às relações que nelas estabelece. Precisamente a qualidade da inserção no nosso tecido comunitário exprime o quanto também nós somos vitais, isto é, capazes de gerar vida e alimentar outras comunidades.*

### **b. Em comunidade para nos tornarmos nós mesmos.**

A comunidade tem esse propósito fundamental: *a plena maturidade da pessoa*. São Paulo exprimiu esta realidade quando escreveu que a sua paternidade tinha como objetivo que os irmãos pudessem crescer "*até que Cristo seja formado em vós*" (Gal 4,19); e o mesmo quando explicou que os diversos dons da graça que recebiam deveriam levá-los à "*plena maturidade de Cristo*" (Ef 4:13). Estas referências paulinas não são casuais: dizem-nos que *a nossa verdadeira identidade consiste em chegar a ser filhos como "o" filho Jesus*, a imagem da qual fomos criados (cf. Ef 1, 3-14).

A comunidade, portanto, é para o crescimento das pessoas, as quais chegam à verdade e à plenitude de si mesmas abrindo-se progressivamente e continuamente à novidade do Evangelho e do Reino. Ela quer ser um lugar privilegiado para que cada um possa alcançar a sua plena identidade de filhos de Deus, dando um rosto único e original ao desejo/vocação, ao bem que traz inscrito dentro de si.

E numa comunidade/família todos nós contribuímos a criar aquele clima vital que permite este crescimento. Ou se cresce juntos ou não se cresce. Se algum não dá o seu contributo, todos sofrem; se algum apresenta resistência na aceitação da vida, que nos chega *sempre pelas mediações humanas* - isto é, dos outros irmãos -, todos sofrem as consequências. A unidade e a comunhão antes de ser fruto de um compromisso da nossa vontade *são um dom que nos vem de Deus na forma do dom de nós mesmos que fazemos uns aos outros*.

Por isso a comunidade religiosa - disse S. Tomás - *é uma escola de caridade perfeita*. É uma escola onde na relação com os irmãos se aprende a amar, a querer o Bem a todo custo e para todos. Isto requer saber reconhecer o Bem presente na própria história e na dos irmãos; saber interiorizar o Bem que é Deus-Amor e deixar que se exprima através dos nossos gestos, das nossas palavras, dos nossos silêncios, etc...

### **c. Escolher a própria comunidade.**

Quando entrarmos numa comunidade encontramos um ambiente e pessoas que têm uma história, uma tradição e estilos já testados. Educar-se à comunhão e viver a fraternidade - ou, como está escrito nos vossos estatutos, "*fazer-nos comunhão*" - começa com *a escolha consciente de aceitar a história e a tradição de uma comunidade* que nos acolhe e que nós acolhemos.

É o grande tema do *sentido de pertença* à comunidade e ao carisma do Instituto. Aceitar não significa deixar tudo como está, mas enriquecer a comunidade com o contributo da própria unicidade, da própria diversidade, inclusive étnica e cultural, e estimulá-la a crescer em virtude das energias nela presentes. O enriquecimento pessoal de cada um é tal quando não é *imposição* da própria sensibilidade ou dos próprios modos de ver a comunidade, mas quando é *oferta* que se revela *fermento* capaz de fazer levedar a comunhão da comunidade. Por isso é indispensável acolher a comunidade e as pessoas, com todas as suas qualidades e todos os seus limites.

Se aceitamos apenas as coisas belas, as características positivas de uma comunidade, o que está imediatamente de acordo com o nosso modo de ser ou de pensar, construímos falsas relações. Não existem pessoas, culturas, muito menos comunidades, que só tenham valores e nenhum defeito; tudo e todos, enquanto criaturas, têm valores e limites/defeitos. Se queremos construir o Reino - e portanto evangelização, fraternidade, unidade e comunhão - devemos contar com ambos.

Penso que este é um dos motivos das nossas dificuldades a viver juntos: vivemos ainda prisioneiros de *mecanismos ingênuos de idealização e individualismo*.

#### ***d. Os ideais são vividos na história.***

Todos nós, quer vivamos em comunidade ou em família, somos animados por grandes ideais. Mas somos chamados a *ter em conta a história e a dinâmica evolutiva* que a caracteriza. Ela ensina-nos que só progressivamente, no *fluxo* da vida, podemos dar uma expressão visível e credível aos valores e aos ideais. E isto requer que nos acolhamos sem reservas e sem preconceitos, que nos ajudemos com delicadeza e muito respeito se quisermos responder à nossa vocação.

Experimentar as dificuldades do acolhimento recíproco, do ir ao encontro do outro com discricção, da coragem da correção fraterna dada e recebida, da consciência de que o nosso crescimento passa pelo outro..., é a condição que nos dispõe a ser atentos, recetivos, capazes de responder às provocações da vida que encontramos também no apostolado. Não devemos desejar convivências nas quais não haja problemas, mas comunidades/famílias em que as diversidades e as tensões que delas derivam sejam enfrentadas de modo evangélico, com simpatia, humor, desarmados, amor.

Não podemos viver bem em compartimentos estanques. Quando vivemos as relações de um certo modo em comunidade/família e de modo diferente fora, estamos a instrumentalizar os outros para o nosso bem-estar; ainda não compreendemos o dom da relação com o outro, o que significa viver em comunidade, e como a unidade e a comunhão entre nós seja o primeiro testemunho a dar: *vos reconhecerão pelo modo como vos amais* (cf. Jo 13,35).

#### ***e. Tensões, conflitos, crises: que sentido têm?***

O caminho que conduz à comunhão e à unidade é acidentado, bem o sabemos. *Dificuldades, tensões (mesmo prolongadas), momentos de crise são passagens obrigatórias*. Para dar espaço à fraternidade é necessário reavaliar estes momentos, colher o seu valor positivo precisamente em ordem ao valor da comunhão. *A comunhão tem sentido precisamente porque somos diversos*: a nossa diversidade reconhecida, acolhida e valorizada revela a beleza do plano de Deus, que vê cada realidade criada, ordenada ao Uno.

Geralmente percebemos cada dificuldade/conflito/tensão que interferem nos nossos programas como uma ameaça. Presos pelo medo de não saber o que fazer, ou de perder o controlo da situação, somos levados instintivamente a evitar cada possibilidade de crise. Deste modo, em vez de sermos profetas daquela comunhão e unidade que será destino futuro do homem, mostramo-nos guardas de um museu arqueológico: aquele dos nossos medos e rigidezes infantis, que não aceitamos pôr em causa.

As ciências em geral ensinam-nos que *as crises são o sinal de um processo contínuo de transformação em ato, têm um papel positivo no processo evolutivo*, fazem-nos crescer. Num organismo vivo, as crises são normais. A exceção é a condição de equilíbrio, a ausência de tensões, as passagens sem dor. Somos diversos em termos de idade, cultura e família de origem, extrato social, educação recebida, sensibilidade, inteligência, experiências vividas, preparação cultural...: como poderia não haver dificuldades e fadigas no confronto e na colaboração? É precisamente o confronto e a partilha das originalidades individuais que estimula a conversão e

torna possível a comunhão. Em vez de ser uma penalização, então, todos estes elementos de diversidade ajudam-nos a descobrir a nossa identidade e o nosso futuro como indivíduos e como comunidade, e chamam-nos a uma atitude de discernimento permanente.

Em vez de exacerbarmos as diferenças individuais e a competição, deveríamos reavaliar a escuta, o silêncio, a paciência, a aceitação, a valorização do outro...!

#### ***f. A identidade está diante de nós, no futuro.***

Quando falamos de identidade a tentação é instintivamente de olhar para trás – a nossa história passada, os eventos salientes da nossa experiência de vida, os nossos traços característicos, etc. - de modo *estático* e implicitamente "*conservador*". E fazemos o mesmo para a nossa identidade de instituto consagrado, pensando que a fidelidade ao carisma depende de quanto já foi dito e feito pelo fundador, ou de quem veio antes de nós. Em suma, pensamos que a nossa identidade é qualquer coisa *a conservar* mais que *procurar e construir*.

A história atual, com toda a sua complexidade, diz-nos que *a fidelidade mais exigente diz respeito ao futuro*. O passado e a tradição não são a referência absoluta e o caminho da nossa vida não é todo predeterminado e definido à priori. A vida consagrada segue também os caminhos da humanidade, onde tudo é evolução.

Os ideais e os valores que guiam um instituto de pessoas consagradas são sempre formulados e vividos de modo provisório e parcial. *Fiel ao carisma, de facto, é quem permite e facilita uma expressão adequada ao hoje*: os seus gestos exprimem uma adesão e uma tensão sincera aos valores da tradição na qual está inserido, mas que com as suas escolhas procura desenvolver.

O importante é ter claro qual é o *projeto* que nos mantém unidos. É a clareza do projeto que cria as bases para a unidade e a comunhão e o testemunho da comunidade. Em si mesma, a comunhão não é o objetivo final de nossa vida religiosa. O objetivo é e será sempre *conhecer Deus, permanecer n'Ele, alcançar a plena maturidade de Cristo e gozar a Vida em plenitude* (cf. Jo 13,15.17); a busca de unidade e comunhão é a atitude que nos permite permanecer sempre abertos a acolher e viver este dom.

E nós, temos clareza do projeto a realizar?

#### ***g. Somos um estaleiro de obras que está sempre em construção.***

Encontrei uma definição muito bonita de comunidade vista como "*o lugar das passagens para o amor*" (J. Vanier). É verdade! Fazer comunhão - em família como em comunidade - comporta passos decisivos para a própria transformação pessoal de crentes adultos. A passagem do egoísmo ao amor, do medo à confiança, da briga à união, da mentira à verdade, das teorias, dos sonhos e do idealismo à realidade, da vanglória à glória de Deus...

*A comunidade é, em si, uma realidade* fortemente evolutiva. É uma oferta de vida que pode favorecer a autodescoberta, daquilo que se pode vir a ser e nos sentimos chamados a ser, seja como indivíduos que como grupo. A construção da própria identidade é um processo que acontece apenas aceitando estar diante do outro, da sua diversidade, deixando-nos pôr em questão, mantendo-nos num *estado constante de procura*.

Viver juntos requer que *sejamos sempre disponíveis à mudança*, e chama-nos a viver *numa atitude de contínuo desapego* de nós mesmos e das coisas, dos afetos e das pessoas. Parece um paradoxo: para crescer e fazer crescer o irmão/irmã na unidade e na comunhão é preciso saber viver o *desapego*, de entender não como negação da dimensão afetiva, mas como atenção a *não dar a nada e a ninguém o lugar de Deus*.

#### ***h. Crescer é dar espaço à Vida.***

Segundo uma visão *dinâmico-evolutiva*, que é de facto evangélica, cada um de nós nasce incompleto e vive a própria história caminhando para o seu cumprimento. E *para chegar ao nosso cumprimento acolhemos a chamada à vida consagrada, na comunidade ou em família. Essas são uma ajuda, mas ambas comportam muito esforço.*

Penso que o tempo passado até hoje na família e em comunidade nos ensinou que as nossas mudanças não acontecem por um voluntarismo de um programa pessoal elaborado à mesa, mas *porque demos espaço a novas provocações da vida, a novas situações*: permitimos aos outros de modificar algo dentro de nós, para modificar algo do qual, talvez, até então estávamos seguros e orgulhosos.

*Nós buscamos a comunhão porque acreditamos que a Vida chega até nós sempre através dos outros: se por um lado requer uma atitude de acolhimento e abertura confiante, por outro comporta que aceitamos a nossa insegurança.*

Por outras palavras, *sabemos entrar em comunhão quando nos tornamos vulneráveis*, quando deixamos cair as nossas máscaras e nos mostramos assim como somos; quando nos deixamos conhecer, abrimos a nossa porta, e não sentimos/vemos/vivemos o outro como um intruso, mas como uma visita da graça que nos quer trazer vida. Não podemos saber de antemão o que nos pedirá e o que nos levará a mudar dentro de nós. Acreditamos, porém, que certamente Deus quer conduzir-nos cada vez mais em profundidade à verdade de nós mesmos e, finalmente - o esperamos - a Verdade total. Podemos aceitar a nossa *insegurança e debilidade* quando com fé pusermos a nossa certeza no Ressuscitado, e esperarmos na força geradora da sua presença na comunidade.

É preciso coragem para viver tudo isso! Porque não existo só eu com as minhas certezas pessoais. Existem também os outros ao meu redor, e me lançam estímulos contínuos que me põem em questão. Se eu souber acolhê-los posso crescer e descobrir a minha riqueza e a dos outros em ordem à realização da nossa identidade de filhos de Deus: alcançar a *liberdade de amar como ama Deus*. Se, pelo contrário, temo a minha insegurança, endureço sobre as minhas posições, não aceito as provocações que me trazem nova vida e não me encontro bem com os outros.

É preciso confiança para viver assim/deste modo a relação fraterna na comunidade/família. *Dar confiança é o significado mais profundo do amor*. Deus confia no homem de modo total. Ele colocou nas nossas mãos o mundo, o Filho, a Igreja, tudo... acredita na nossa capacidade de dar frutos e, sem se escandalizar das nossas imperfeições e infidelidades, convida-nos a fazer o mesmo com os nossos irmãos.

Se tentarmos viver seriamente esta confiança, a nossa procura de comunhão nos verá como *servidores do Bem que está presente na irmã/irmão*, fortes na "esperança ativa" que nos leva a jogar tudo sobre o que o outro ainda não é mas poderá tornar-se/vir a ser com a ajuda de nosso apoio fraterno.

### **i. Chamados porque pecadores, unidos porque salvos.**

E, finalmente, pergunta-se: porque é que Deus confiou às criaturas débeis como nós o *Sint unum*, a boa mensagem da unidade e da comunhão trinitária? O que podemos fazer diante as nossas limitações, os nossos medos e fragilidades tão evidentes?

*E se estivesse mesmo aqui o desafio e o testemunho da vida consagrada?* Uma vida juntos, caminhando todos os dias à procura da unidade e da comunhão, *sem nos escandalizarmos das debilidades e das pobrezaas nossas e dos outros*. Deus chamou-nos assim como somos... e Ele sabe bem o que nos pede, porque não vê só os nossos defeitos, mas também os nossos talentos.

Ninguém é perfeito! Não eram os primeiros discípulos e nós também não. *Com todo o peso da nossa fraca humanidade somos chamados a tornar visível a onnipotência da graça de Deus na nossa fragilidade e a sua superabundância precisamente aí onde abunda o nosso pecado* (cf. Rm 5,

20). Parece-me que esta é a mensagem que o Papa Francisco nos continua a mandar, com força e perseverança, desde o início do seu pontificado.

Se acreditamos na boa nova do amor de Deus e queremos vivê-la, em nossas casas devemos ver que ninguém se escandalize se as coisas não vão sempre bem, se os programas falham, se os fracassos batem à nossa porta, se não há os resultados previstos... porque acreditamos que a Graça superabundará mesmo ali onde lemos os sinais de fracasso. A graça nos transformará se nos tornamos desarmados e disponíveis à conversão, se não usamos as nossas fraquezas como justificações, mas continuamos a procurar antes de tudo o Reino de Deus e a sua justiça.

Então *a nossa vida torna-se sinal*. Sinal do Ressuscitado que dá continuamente a vida a quem se se torna disponível a acolhê-la. O acolhimento da sua vontade de comunhão torna-se em nós decisão de emprestar a Deus as nossas mãos, os lábios, o coração ... para que o seu amor encontre espaço na nossa história de homens.

Deixemos de nos olhar com olhos de julgamento, atormentando-nos – muitas vezes apenas a palavra – com os sentimentos de culpa pelas nossas incoerências de consagrados.

Seria muito mais produtivo, precisamente ao nível do testemunho, *reconhecemo-nos pecadores sem fazer dramas, e acolher a salvação de Cristo cada vez que nos encontramos vazios e derrotados pelas nossas infidelidades e pelas nossas resistências*. Quem sabe questionar-se faz circular o Espírito e caminha com os seus irmãos, livre de exprimir em formas sempre novas, a sua comunhão com o coração de Cristo, numa atitude de *conversão permanente*.

As pessoas que nos olham, então, não terão mais medo de Deus se puderem ver que nós, cada vez que nos encontramos no chão, nos levantamos prontamente com o sorriso de quem se sabe amado e salvo, e pode reconhecer esta salvação no gesto acolhedor e reconciliador da irmã/do irmão.

*p. Renzo Brena scj*

## Questões para a reflexão/partilha

- Quais são os obstáculos/resistências que experimentamos, com mais frequência, no estabelecer entre nós relações de comunhão?
- Se é verdade que estamos sempre em crescimento, o que é que concretamente nos trava/impede de acolher os estímulos quotidianos para a nossa conversão/crescimento?
- O maior obstáculo à liberdade, à comunhão e à alegria de viver somos nós mesmos!  
O que me propus pessoalmente para estar num caminho de liberdade evangélica? O que sugiro e proponho à comunidade?
- Um grande obstáculo ao amor-comunhão é o legalismo, para o qual contam mais as regras (e os hábitos pessoais!) que o Evangelho!  
O que estamos a fazer e como nos estamos a ajudar sobre este ponto? Até quanto a nossa vida é vivida com o coração aberto?

Como compreendo o meu limite pessoal? Até quanto estou vigilante sobre o perigo de uma vida vivida de maneira "pelagiana" ou "gnóstica"? Até quanto acredito na graça gratuita e na salvação de Deus? e quanto a vivo em relação com os outros?

## Cumprir o projeto de Deus sobre mim



Aceitei o desafio lançado pela Celestina Camacho para escrever um depoimento para Vinculum. Realmente nunca mais comuniquei através deste meio com toda a C. M. e faço-o agora.

Estou a ler o livro “Um Percurso de Vida e de Pensamento” da Lúcia Correia em que ela refere o seu percurso de vida e de pensamento através de artigos publicados em revistas diversas e em Vinculum. É muito interessante e recomendo a sua leitura.

Mas o que hoje escrevo baseia-se na resposta a um questionário enviado pelo Conselho Central para Missionárias e Familiares sobre o capítulo II “A nossa fisionomia” (Estatuto das Missionárias) e “O nosso programa de Vida” (Estatuto dos Familiares).

O conhecimento da Companhia Missionária deu novo sentido à minha vida, porque embora nascida numa família muito religiosa, frequentando colégios religiosos, tirei o curso de Letras na Faculdade Clássica de Lisboa onde apresentei a tese sobre um poeta madeirense “A obra poética de Francisco de Paula Medina e Vasconcelos”. Fiz estágio e apresentei a dissertação para o exame de estágio “Contribuição para uma Psicopedagogia da Gramática”. Depois fui a Paris para frequentar as aulas da “Alliance Française” e trabalhei ao mesmo tempo em casa de uma família francesa como “au pair”, tempo parcial.

Regressada ao Funchal dei aulas de Português e Francês em escolas públicas. Esforçava-me por transmitir aos alunos conhecimentos e fazê-los desenvolver as suas capacidades intelectuais e humanas.

No ponto de vista pastoral, era catequista, visitadora prisional, membro da Ação Católica. No entanto não me sentia feliz nem realizada.

Um dia um padre perguntou-me na confissão o que fazia e eu respondi que dava aulas. Ele compreendeu que me faltava algo para dar sentido à minha vida. Falou-me da Companhia Missionária do Coração de Jesus e deu-me o telefone de umas missionárias. A Teresa Castro e a Lúcia Correia vieram cá ao Funchal e eu falei com a Celestina Camacho para estar presente. Encontrei a minha vocação que era oferta da minha vida ao Coração de Jesus para ser sinal do Seu Amor por todos nós. No “Ecce Venio” de Cristo e no “Ecce Ancilla” de Maria está compendiada toda a nossa vocação, o nosso fim, o nosso dever e as nossas promessas.

Como missionárias do Coração de Jesus somos chamadas a viver a vida de amor até nos fazermos comunhão com Deus e com os irmãos. Como Jesus e Nossa Senhora manter-nos-emos abertas ao “sim”.

O grupo C.M. da Madeira é formado por 5 missionárias e os Familiares em número de 7. Fazemos o retiro mensal em conjunto e alguma missionária acompanha-os em algumas reuniões. Quanto as missionárias reunimo-nos quinzenalmente e retiros mensais. Como oiço mal, apesar dos aparelhos auditivos que uso, custa-me a participar ativamente como desejava.

Como gosto de ler, faço resumos das Encíclicas Papais “Luz da Fé”, “Fratelli tutti”, “Laudato Si”, de textos sobre o Espírito Santo: “Espírito Santo, fonte de vida e de amor”, “O Espírito Santo clama Abba! Pai”, “O Espírito Santo que nos faz dizer: Jesus é o Senhor”. “O Espírito Santo que nos consagra e envia em missão”, “O Espírito Santo que reza em nós”, “O Espírito Santo Consolador” “Não extingais o Espírito”. Distribuo ao Grupo, assim como textos enviados pelo Conselho Central “Da sinodalidade, a autoridade do serviço” de Daniela Leggio, resumo da Consulta das Responsáveis do P. Renzo Brena. Entrego esses resumos ao grupo de Missionárias

Como vivo o meu sim nas atuais circunstâncias de vida? Participo diariamente na Eucaristia na Sé Catedral do Funchal e sou leitora na Missa das 11h à sexta-feira. Na família: Ocupo-me de uma irmã solteira e doente de 91 anos. Tenho uma cunhada e um sobrinho que vivem no continente e pedem ajuda monetária. Tenho 2 sobrinhas netas (filhas de sobrinhos)

solteiras e já dei documentos sobre a C.M. Na sociedade apoio monetariamente uma antiga empregada que é doente.

Tenho consciência que o Senhor me pede muito e dou pouco, mas com a Sua Graça e de Maria, Sua e nossa Mãe, esforçar-me-ei por cumprir o projeto de Deus sobre mim.

Funchal, 11 de abril de 2023

Madalena Ribeiro

## O filme “A Carta”



Celebramos, de 21 a 28 de maio de 2023, o oitavo aniversário da encíclica “*Laudato Si*” do Papa Francisco sobre o cuidado da criação. A “Esperança para a Terra. Esperança para a humanidade” é o

tema que nos guiará este ano.

Entre as diversas atividades para assinalar este evento, o Movimento da *Laudato Si* propõe como principal recurso o filme “A Carta”, “*que nos conta a história de quatro “poetas sociais” afetados diretamente pela crise climática e que viajam para Roma para se encontrarem com o Papa Francisco*”<sup>1</sup>. O filme chama a atenção para “*os efeitos dramáticos das alterações climáticas nas vidas dos mais pobres e faz um apelo a uma conversão ecológica global, combatendo a poluição, ajudando os mais frágeis e escolhendo um estilo de vida mais simples e mais fraterno*”<sup>2</sup>.

A minha paróquia, no passado dia 2 de junho, exibiu o referido filme. Gostei mesmo muito da mensagem do filme. E tu, se ainda não o viste e estiveres interessado/a, podes pesquisar no link - A carta filme papa Francisco.

Precisamos urgentemente de escutar o grito da terra e dos pobres, de tomar consciência do modo como cuidamos da casa comum e das pessoas, de beijar a terra de joelhos, pedindo-lhe perdão pelas vezes que não ouvimos o seu grito e não a cuidamos com solicitude amorosa.

É urgente que nos afastemos de tudo aquilo que nos desvia da vocação de sermos no mundo colaboradores de Deus na obra da criação contínua.

Escutemos também o apelo do Papa: “*Que todos os homens e mulheres descubram que uma nova criação, um novo tempo, um novo início, um mundo novo, implica a redescoberta e o respeito dos ritmos inscritos na natureza pela mão do Criador* (cf. LS 71).

Sobrosa, 3 de junho de 2023

Serafina Ribeiro

<sup>1</sup> O filme “A Carta” a história de quatro poetas

<sup>2</sup> DEHONIANOS, Publicação trimestral nº 21 - 2023

## *Carta de amor à CM*

Naqueles dias pálidos de pandemia, a solidão de quem vive só ainda se acentuou mais, adquirindo tons escuros desoladores, com sabor a vazio despido de sentido, carente de



substancialidade...

Essa atmosfera desoladora me colocou a caminho, em busca de algo que preenchesse um pouco o nada existencial da circunstância pandémica...

Por email, bati à porta da CM, recebendo eco luminoso, através da ilustre missionária, Lúcia Correia, a qual, juntamente com as suas nobres companheiras me acolheram com bondade, carinho e ilimitada generosidade...

No primeiro encontro com a CM, não foi necessário um céu estrelado, embora ele estivesse ali. Daquele dia em diante, meus olhos se tornaram mais brilhantes, meu coração mais feliz e o céu de minha vida ficou ainda mais lindo...

Comecei a frequentar algumas reuniões de oração, lendo os livros da história, criação e evolução da CM...

Pouco a pouco, a minha solidão se esbateu, os dias, mesmo chuvosos e frios de inverno, adquiriram cor, luz, positividade...

Senti que já não era mais o cãozinho rafeiro abandonado, carente de compreensão, amor, compaixão...

Com o decorrer do tempo, senti que a CM se tornou para mim uma família maravilhosa, sempre presente em todos momentos de minha vida...

Meu coração transborda de gratidão: antes da CM, sentia - me uma espécie de pequeno barco à deriva num oceano increspado, inseguro, periclitante...

Com as intrépidas missionárias da CM, aprendi que Gémeas são as almas que se tocam mesmo antes do primeiro encontro...

E quando isso acontece, é como se a terra tocasse o céu, tudo gira em perfeita sintonia e de alguma forma é como se tocássemos o sagrado e este nos acolhesse em seus braços de inefável amor...

*A. Jorge Marques*



## Silêncio

## Meditação

## Poesia

Faz de cada dia  
possibilidade,  
oportunidade,  
bela melodia,  
oferenda,  
nova  
poesia...

\*\*\*\*

A tua paz saborear  
em tuas mãos  
me aconchegar,  
em tua graça  
me deleitar,  
meu Criador,  
meu libertador,  
meu consolador,  
eterno foco d'amor...

\*\*\*\*

Muitos buscam a perfeição  
com audaz tenacidade,  
mas eu prefiro celebrar  
a autenticidade...

\*\*\*\*

Ao monge, ao nenúfar  
o silêncio ensina, tece  
igual beatitude,  
igual prece...

\*\*\*\*

Eis o meu Mantra,  
a minha Oração:  
que as flores  
selvagens  
floresçam  
em meu  
coração...

\*\*\*\*

Um dia sem meditar  
é como mergulhar  
em alto mar,  
sem saber  
nadar...

\*\*\*\*

Tesouro  
imenso,  
irrepetível  
manancial,  
encantamento,  
não há magia igual  
à do momento...

\*\*\*\*

O vulgo sempre esqueceu  
o que a criança aprendeu:  
o júbilo, a satisfação,  
o contentamento  
não vêm de fora, mas de  
dentro...

\*\*\*\*

Quem ama, é amor enquanto  
ama...  
Quem jamais cessa de amar,  
de ser amor não pode  
deixar...

\*\*\*\*

O amor é hóspede inebriado,  
só aparece quando não  
é esperado...

\*\*\*\*

Que os meus olhos sejam de  
pintor,  
contemplando os matizes  
do amor...

\*\*\*\*\*

Cala a cantilena,  
faz-te silêncio,  
sê poema!!!

\*\*\*\*

Na verdade,  
o Espírito  
só vai  
acolher,  
aquilo que  
o silêncio sabe  
e as palavras  
não podem  
dizer...

\*\*\*\*



## Recordando a Giuseppina

### Carta da Presidente para o Funeral

09-03-2023

Caríssima Giuseppina

Hoje as Missionárias e os Familiares da Companhia Missionária do Coração Jesus saúdam-te com gratidão pela tua doação à nossa família, pelos diversos serviços prestados à Companhia Missionária e pelo teu testemunho de mulher consagrada em todos os lugares onde estiveste presente. Recordar-te-emos especialmente pelo modo como viveste a tua longa e dolorosa doença, sempre em espírito de oferta, fiel ao nosso carisma; muitas terão sido as graças que recebemos por cada dor oferecida. Obrigada do coração, querida irmã!

Querida Filomena e todos os membros da tua família, recebi o nosso abraço fraterno e a nossa comunhão de oração pedindo que encontreis consolação no Senhor porque a Giuseppina hoje celebra a Páscoa com o nosso Deus e Pai juntamente com todos os irmãos e irmãs que nos precederam no Reino dos Céus.

Hoje, de modo especial, ressoam as Palavras de Jesus que renovam a nossa esperança: *“Eu sou a Ressurreição e a Vida. Quem crê em mim, mesmo que tenha morrido, viverá. E todo aquele que vive e crê em mim não morrerá para sempre”*(Jo11, 25-26).



Com fraterna estima

*Graciela Magaldi*

*Presidente*

### **MEMÓRIA DE GIUSEPPINA ORLANDO**

Nasce em Angri (Salerno – Sul de Itália) a 12 de Janeiro de 1949.

A 15 de novembro de 1973, com 24 anos, ingressa na Companhia Missionária do Coração de Jesus, no chamado período de orientação, para enfrenta durante alguns anos à sua formação.

Em 7 de novembro de 1980 emite os primeiros votos de castidade, pobreza e obediência, tornando-se missionária efetiva.

Por 35 anos, no hospital público de *Nocera Inferiore*, como enfermeira profissional no departamento de obstetrícia e ginecologia oncológica e gravidez de risco, desenvolve a sua missão de amor e serviço na Igreja e no mundo, segundo a espiritualidade e o carisma da

Companhia Missionária do Coração de Jesus, no seio da sua numerosa família com paixão e amor materno.

Ao longo de sua vida, recorda com gratidão a Deus as centenas de crianças que ajudou a vir à luz,



empenhando-se, também, muitas vezes, a salvá-las do aborto, contra a qual faz a difícil escolha da objeção de consciência.

Desempenha, ainda, a sua missão no âmbito eclesial, sobretudo na Ação Católica e na Caritas paroquial, como também no âmbito social desenvolve o seu trabalho no Movimento pela Vida e no Centro de Atendimento Familiar.

Na Companhia Missionária é membro do Conselho Central de 1989 a 1995. Durante alguns anos é administradora do grupo de missionárias, que tinha sede primeiro em Salerno, depois em S. Antonio Abate. Exerce, por um certo período, a missão de responsável de grupo.

Como mulher cristã e como consagrada e discípula do Coração de Jesus, Giuseppina ama a vida. A vida dos outros, sobretudo dos mais frágeis: mães grávidas, crianças, doentes, pessoas em dificuldade, para

as quais se coloca a si mesma à disposição, bem como as suas competências e os seus talentos.

Giuseppina ama também a sua vida e demonstra-o, doando-a, durante a sua longa doença. Demonstra-o, combatendo com a força da fé e com inesgotável esperança, por mais de treze anos e, apesar da enorme fadiga, a responsabilidade assumida por muitos dos seus compromissos, sobretudo na Companhia Missionária, na qual vive uma forte sentido de pertença, com entusiasmo e fidelidade.

Depois de ter percorrido por tantos anos a Via Dolorosa com Jesus, em 7 de abril de 2023, Sexta-Feira Santa, entra com Ele na morte para ressuscitar com Ele na eternidade do Amor.

*Lúcia Capriotti*

### ***SOUBE AMAR E SOFRER***

As minhas recordações da Giuseppina têm raízes antigas, quando, com a sua irmã Filomena e os três sobrinhos, vinha frequentemente visitar a minha mãe. Conservou sempre um afeto especial para com a minha irmã Giuseppina, por a ter conhecido nos primeiros tempos da sua escolha missionária. Gostava de falar, recordando o passado, das "três Giuseppine", incluindo, naturalmente, a sua amiga do coração, Giuseppina La Mura, com a qual tinha partilhado os tempos de formação na CM. Com a minha mãe - tal como nós filhos, também ela chamava "mamã" -, existia uma empatia natural e uma certa semelhança por aquele modo simples, genuíno, espontâneo e um pouco brincalhão de contar, de comunicar segundo o estilo napolitano. As visitas tornavam-se sempre momentos de festa, de alegria. Mais tarde, com a minha entrada na Companhia Missionária, no grupo de Salerno, a nossa amizade tornou-se mais forte, o nosso conhecimento e as nossas partilhas mais profundas. Não me é possível recolher as inúmeras/ imensas recordações, também pela emoção que me despertam.

Uma missionária que sabia AMAR, que deu "corpo" ao nosso carisma no concreto da sua vida. Eram três os seus grandes amores, que se integravam, se completavam numa única missão: a família natural, a profissão de enfermeira, a CM.

A sua família natural, como ainda muitas famílias do Sul, é numerosíssima. Recordo que tinha colocado numa foto (ela gostava de tirar fotos) todos os sobrinhos que eu não conseguia contar. Para cada um tornava-se disponível, especialmente para problemas de saúde e os partos. Ajudou muitos a nascer. Mas a escolha mais corajosa e também difícil, partilhada com a sua irmã

Filomena, foi a de assumir a responsabilidade dos sobrinhos que ficaram órfãos após a morte do pai.

A profissão de enfermeira que exercia com competência e sem poupar energias, aceitando mesmo turnos desgastantes (cansativos), era (um pouco) o seu orgulho, o campo onde conseguia gastar com êxito a sua paixão pela vida. Tinha uma grande capacidade de escuta e de persuasão para com as mulheres confusas, desanimadas, perdidas sob o peso de tantos problemas familiares, para encorajá-las na escolha de levar adiante uma gravidez. Com o coração aberto



sabia transmitir a confiança no Deus do Amor, o Deus da Vida que nunca fecha as estradas, mesmo aquelas estreitas e prepara sempre uma alegria maior. Não sei quantas foram as mulheres ajudadas pela Giuseppina, só sei que sentia uma grande alegria com uma migalha de orgulho quando as encontrava felizes e gratas pela sua maternidade. (De qualquer modo) Sentia-se uma segunda mãe de muitas crianças.

Mas o maior amor foi a CM. Mostrou sempre um forte sentido de identidade e de pertença. Durante a sua doença, maravilhávamos-nos, com a sua presença nos retiros de grupo, mesmo depois de um dia trespassado pelo sofrimento, após uma sessão de quimioterapia. Tinha necessidade de respirar o ar da família CM. Como tinha necessidade, enquanto lhe foi possível, retirar-se para lugares de silêncio e de oração para recarregar-se espiritualmente e retomar o ritmo intenso de vida. Pode-se dizer, uma mulher “contemplativa”. Ela tinha compreendido que para ser mulher ativa necessitava ser contemplativa.

#### **A doença**

A sua doença manifestou-se imediatamente após alcançar a aposentação. Pode-se dizer que nunca mais deixou os hospitais, que se tornaram assim o primeiro "lugar" de missão... Um longo Getsémani que durou anos e anos e que acabou por cansá-la, mas nunca lhe tirou a capacidade de lutar e aquela firmeza de fé que lhe pertencia. Continuava a repetir sempre: “Seja feita a Tua Vontade”.

Esta querida irmã marcou-nos profundamente com o seu grande testemunho. Soube amar e sofrer.

*Marinella*

## **QUERIDA AMIGA**

Querida Giuseppina,

A notícia da tua morte surpreendeu-me mesmo sabendo que nos últimos dias a doença se tornara mais agressiva. Passados os primeiros momentos de desânimo, pensei que o Senhor Jesus também te disse o que disse ao bom ladrão: “Hoje estarás comigo no Paraíso”.

Querida amiga de longa data - 50 anos - reza pela tua numerosa família e por toda a Companhia Missionária que amaste tanto quanto a tua família de origem.

Voltam-me à mente as tuas palavras: “vem, sigamos em frente”, mas sem a tua ajuda não poderemos fazê-lo.

Boa viagem, minha amiga.

*Emília Serra*

*Familiaris di S. Giorgio a Cremano*

## ENTREVISTA À BIANCA IACHELLI

*Mais do que uma entrevista, é o resultado de conversas feitas com a Bianca. Encontros registados em diversos momentos, em diversas ocasiões, percorrendo algumas etapas da sua vida, sem saber onde chegaríamos. A sua história é importante para nós porque pertence aos alicerces, às raízes, da Companhia Missionária. Procurei recolher e reunir os pedaços narrados, mesmo se a ordem dos acontecimentos e do tempo, por vezes, se confundem. Respeitei o modo e a vivacidade do seu estilo para não estragar a frescura e a riqueza da narração. Obrigado, Bianca: conseguimos!*

**Bianca, gostarias de contar um pouco sobre a tua vida? Começamos pela tua família.**



Nasci numa família composta pelo pai, a mãe e um irmão. A minha mãe era natural da província de Bérghamo, norte da Itália. Não conheci o meu pai porque faleceu antes de eu nascer. A mãe, depois, voltou a casar e nasceu o meu irmão Guido, que agora vive em Bolonha e vem visitar-me, de vez em quando. Nasci em 1931 (já tenho 92 anos), em Santa Maria de Labante, uma localidade de *Castel D'Aiano* das colinas bolonhesas, a 600 metros acima do nível do mar. Os habitantes consideravam-se montanheses e estas origens

sempre me fizeram sentir que também eu, como eles, podia considerar-me uma montanhesa. Levávamos uma vida normal de uma família comum. Em jovem, fui servir numa Família em Bolonha, com a qual sempre mantive contacto. Devo reconhecer que, não obstante a minha idade, graças a Deus estou bem, não tenho dores; pelo contrário, a memória é o que é. E, ao falar da família, sinto que as memórias se desvaneceram...

**Agora falemos da mãe?** *A Bianca não me deixa terminar a pergunta e responde prontamente em dialeto bolonhês "El so me" = eu sei como era! Uma coisa tenho clara: A minha mãe ter-me-ia "batido" mesmo agora, com 92 anos, se eu lhe tivesse respondido de qualquer modo! Para dizer que ela tinha sempre razão... A mãe era uma mulher forte, em casa dominou sempre, mesmo se dava a impressão de nos deixar livres de fazer aquilo que queríamos, porém tudo tinha que estar sob a sua direção, sob o seu controlo. Se lhe tivéssemos pedido uma explicação, ela teria respondido: "Arranja-te", porém devias dizer claramente o que querias fazer. Como ela não tinha estudado e nós, um pouco, respondia: "Visto que gastámos o dinheiro para fazer-vos estudar, agora trabalhai!". Às vezes, quando a desesperávamos, ela repreendia-nos dizendo que nos iria bater... mas eram apenas ameaças porque na realidade nunca nos tocou.*

**Façamos um salto à frente e conta-nos como conheceste a Companhia Missionária.**

Em primeiro lugar, quero comunicar algumas das minhas impressões sobre o Pe. Albino Elegante, nosso Fundador. Encontrei o Padre Albino muito cedo na minha vida, ou seja, quando ainda não estava na CM. Nessa altura, era jovem. E, como dizia, estava ao serviço de uma família,



ou seja, não ia como jornalista durante o dia, mas vivia e habitava com a família como se fosse um deles. E tive sorte, porque era uma família muito boa, minha amiga. Não era uma daquelas famílias pretensiosas que te metem debaixo dos pés, vivia-se como iguais. Trabalhava para eles, comia com eles e, às vezes, até ia passear com alguns deles. Recordo que o pai era uma pessoa muito silenciosa, fazia-se sentir, porém, em alguns momentos

decisivos. Com eles sentia-me bem. Nessa altura, conheci o Pe. Albino, em via Nosadella.

O Pe. Albino Elegante SCJ, diretor do Apostolado da Reparação (movimento de espiritualidade nascido nos anos 45 - 46), encontrei-o em 1944, por ocasião de uma missão paroquial na minha aldeia de S. Maria de Labante. Vieram precisamente os missionários: Pe. Agostini e Pe. Montrasio, Sacerdotes do Coração de Jesus de Bolonha, ditos dehonianos. No encerramento, chegou também o Pe. Elegante, mas não tivemos um encontro pessoal. Naquelas circunstâncias, os padres fizeram a algumas jovens a proposta de inscrição no Apostolado da Reparação. Aceitei a proposta. Na véspera do aniversário dos meus dezoito anos, a divina providência deu-me a possibilidade de participar num retiro organizado pela Ação Católica de Bolonha. Nessa ocasião, pedi ao Senhor a graça de encontrar um bom confessor. Como disse, tinha começado a trabalhar em Bolonha numa família. Num domingo, fui à igreja da *Madonna dei poveri*, na via Nosadella, sede dos Sacerdotes do Coração de Jesus, procurar o Pe. Elegante, porque me tinha sido aconselhado, por uma pessoa de confiança, como confessor. Não foi fácil encontrá-lo naquele dia, porque estava sempre fora para encontros e pregações. Num belo domingo, encontrei-o. Apresentei-me a ele, da porta da sacristia, dizendo que o procurava há algum tempo. Levantando o dedo e sem falar, apontou para o confessionário e depois foi para o confessionário. Não é que me encontrasse todos os dias... porém a certa altura decidi fazer-lhe uma "declaração" (digamos assim), dizer-lhe que precisava de alguém que me ajudasse a viver a minha vida com um sentido diverso do habitual. O Padre Giuseppe - assim se chamava naquela altura - era de **poucas palavras, severo e decidido**, mas também paterno e compreensivo na confissão. Este era um pouco o seu estilo nas relações. Com o passar do tempo, melhorou muito o modo de se relacionar. Recordo que era uma pessoa que sabia acompanhar, por isso gostei dele porque podia ter alguém a quem fazer referência. Confessava-me a ele, sabia o horário da missa e, quando podia, ia à missa que ele celebrava. Tinha claro que queria uma vida de consagração e falei com ele sobre isso. Ou seja, sentia, naquele momento, que o matrimónio estava fora da minha mente, não pensava casar-me, nem me passava pela cabeça: "Então o que vou fazer? Que tipo de consagração?" Depois, esclareci com ele e segui em frente... **A minha formação começa a partir daqui.**

**Bianca, agora vamos falar da formação. Recorda a formação dos primeiros tempos... o clima que se vivia? Para ajudar-te a pensar, leio-te uma frase encontrada num documento da formação da CM hoje. Foi realmente assim no início?**

*“A formação foi um compromisso que caracterizou sempre, desde os primeiros anos, o jovem Instituto, mas caracterizou-o também um grande desejo de evangelização e um forte anelo missionário. Nesta formação colaboraram diversos Padres Dehonianos dando aulas de teologia, de filosofia, de liturgia... em via Guidotti... mais tarde algumas missionárias frequentaram a escola de teologia no Studentato da missão”(cfr. 60 anos de história nas estradas do mundo).*

A Bianca fica séria e responde-me assim: “Sim, era precisamente assim! A CM nasceu em 1957 e Pe Elegante foi o fundador, diretor do apostolado da reparação, professor de espiritualidade e entidade patronal. Os dias eram ocupados: oração, trabalho, estudo...”

Uma constante no pensamento do Padre, assim chamávamos ao Pe. Albino, sempre foi a nossa preparação a todos os níveis: profissional, cultural, moral, espiritual, teológica e missionária... Os temas prioritários do primeiro ano foram a espiritualidade e a moral com a participação dos padres dehonianos, professores no *Studentato* e com vários encontros com padres missionários e bispos de passagem. A nota dominante dos nossos dias era: a oração, a alegria, o silêncio.

### **Apenas os momentos recreativos jogando à bola eram barulhentos!**

Mas antes de chegar a tudo isto, houve um período pré-CM muito importante, que nos ajudou a viver juntas, a esclarecer melhor aquilo que queríamos no futuro. Procurávamos uma vida de consagração mas não num convento, pensava-se noutra coisa, numa consagração secular, no mundo. Eu fui uma das primeiras quatro que começaram a encontrar-se. Eu, a Bruna, a Cesarina e, depois, chegou a Irene. Outras quatro participavam nos nossos encontros. No início colaboramos com a *Pia Opera*, que era uma atividade dos dehonianos. A Bruna trabalhava a tempo pleno... Em seguida, eu fui colocada na livraria dehoniana, eu que naquele tempo só tinha o primeiro ciclo (A Bianca deu uma risada. Mais tarde, fez o segundo ciclo). Então, colaborei com a livraria dehoniana, devia pelo menos saber ler e saí-me bem porque gostava de ler... gostava do trabalho em si e, quando não tinha ninguém, lia as resenhas das novidades que chegavam porque, assim, se viesse algum cliente, eu poderia explicar e dar conselhos. E sabia como fazer para acolher as pessoas. Era jovem e esperta, embora não tivesse estudado! Porém, quando vinham à livraria eu não dizia isto a ninguém. Era inteligente e sabia gerir a situação... e repito, gostava muito deste trabalho... Eu era também presunçosa, porque me dava importância, não a tinha mas eu dava-a a mim mesma (*risada!*). **Sentia a responsabilidade deste trabalho** que os padres dehonianos me tinham confiado e eu tomei-a a sério. Repensando hoje aquilo que fiz, devo dizer que me saí bem ao assumir tal responsabilidade. A Cesarina e a Bruna trabalhavam na *Pia Opera*. Cesarina era um pouco como a "chefe", era a única que tinha estudado. Trabalhar na *Pia Opera* também nos ajudou, do ponto de vista económico. Estávamos precisamente no início e não sabíamos exatamente como seria esta Companhia Missionária do Coração de Jesus, não sabíamos se o caminho nos levaria a um instituto religioso ou secular. Desde o início, tínhamos claro que não queríamos ser religiosas, mas seculares... mas ainda não se ouvia falar dessa realidade, era uma realidade conhecida por poucos. Porém, com a experiência, confrontos, reflexões, vários estudos e rezando juntas, tornámo-nos um Instituto Secular da Companhia Missionária do Coração de Jesus, e era isso que queríamos... Este caminho de clarificação coenvolveu-nos um pouco a todas e também a alguns padres dehonianos que nos apoiaram e acompanharam. Alguns, porém, não compreendiam este nosso modo de ser, tratavam-nos como



religiosas... e para nós não era fácil aceitar este modo como eles nos viam.... Conversávamos sobre isso, entre nós, e trabalhávamos, como se diz, na surdina, inicialmente não nos entendiam e pensavam que éramos freiras ... depois mudaram de opinião, entenderam-nos e começaram a chamar-nos pelo nome: “signorine” = meninas. Porém, devemos reconhecer que, com o passar do tempo, as coisas mudaram e fomos compreendidas e valorizadas!

Como disse, a Bruna também estava lá, mas ela tinha um carácter diferente do meu. Um pouco tímida e, às vezes, exprimia a sua timidez com aspereza, defendia-se... Todavia, percebi isso mais tarde, usava esta maneira porque se achava incapaz de determinadas coisas, então tomava esta atitude. Recordo que, naquele tempo, ela tinha na mão também a parte económica do nosso grupo e foi um período em que cozinhava para nós. Ela era uma

pessoa boa como pão, mas queria ser ela a dona e a ter responsabilidade interna da casa. Muito disponível para as coisas da casa, menos para os encontros fora. A Bruna tinha o complexo de ter de falar, mas quando falava, falava mesmo, no sentido de que não parava. Depois também tinha a Cesarina, que tinha feito o magistério primário, mas nunca tinha ensinado... Era um pouco como a diretora e ela também se sentia bem neste cargo... A Irene era a mais nova, depois estudou comigo e com a Bruna para nos preparar para o terceiro ciclo. A Irene, depois, continuou os seus estudos para ser enfermeira e outras especialidades de saúde. Depois, partiu para Moçambique. Eu estava mais inclinada para coisas práticas.... Devo reconhecer que éramos quatro pessoas diferentes, com caracteres diferentes e, às vezes, surgiam dificuldades nas relações entre nós. Mas estávamos habituadas, desde o início, a esclarecer sempre e imediatamente as coisas e ... depois retornávamos a viver em comunhão. No início, éramos como “bailarinas”, onde havia necessidade íamos, um pouco aqui um pouco ali, sempre prontas, felizes e disponíveis, para ir em frente.

Gostaria de voltar ainda à formação do Pe. Albino e ao seu modo de ser... Naquele tempo era ele que nos fazia a formação. Ele era um tipo decidido e, às vezes, parecia também austero, mas quando entravas numa relação pessoal com ele, era de uma doçura extraordinária, meigo, nunca contradizia. Quando se falava pessoalmente, prolongava a conversa com a sua sabedoria... Encontrava-me bem com ele porque me ajudava a rezar, sem se dar importância (agora entendo-o melhor) guiava os meus passos. A um certo ponto, compreendi que ele, para além de mim e de nós, ajudava muitas outras jovens. Chegou o momento em que ele nos propôs viver como grupo... Recordo que, antes de tudo, ele era um tipo exigente e, como primeiro início de uma formação, fez-nos refletir sobre os mandamentos durante muito tempo... Ele dava-nos perguntas e respostas. Depois, quando nos encontrávamos, devíamos dar as respostas certas. Mas não deveriam ser apenas fórmulas ou palavras, deveria haver também factos, ou seja, como cada uma se tinha comportado nesta ou naquela situação e interrogava-nos. A formação que nos dava era bem concreta, como uma correção, uma verificação do comportamento entre nós, com a família, com aqueles que conhecíamos... E tinha o seu jeito de fazer uma observação porque, quando nos falava, dava exemplos para nos fazer compreender onde tínhamos errado... Eu tinha aprendido quando íamos, de vez em quando, a uma entrevista, a pedir-lhe explicações daquilo que não compreendia. Ele tinha em conta as observações que fazíamos e, às vezes, também ele me fazia perguntas para me conhecer melhor: como viver isto, como fazer aquilo... e dava-me conselhos. Agora, pensando bem, sentia-me sempre uma burra diante dele... mas entendia a importância

das suas intervenções e chamadas de atenção. Entendi que era uma maneira de me conhecer, mas também de endireitar o meu caminho de formação.

(continua...)

Ao cuidado de Santina Pirovano

### SONO TORNATI ALLA CASA DEL PADRE

**GIUSEPPINA ORLANDO:** Missionaria del Gruppo CM del Sud Italia

**DOMENICO D'AURIA:** nipote di Maria Teresa D'Auria Missionaria del Gruppo del Sud Italia

**MARCO ANTÓNIO:** filho di Dina Dina Teresa Freitas Costa Dionísio Familiaris del Gruppo di Funchal

Uniti nella fede in Gesù, garanzia di resurrezione: *"Io sono la risurrezione e la vita. Chi crede in me anche se muore vivrà"* (Gv 11,25), accompagniamo con la nostra preghiera tutte le famiglie che vivono il dolore del distacco dai propri cari.



## Vinculum

Anno 59 n°2 2023

Via Guidotti, 53 – 40134 Bologna

Tel 051. 6446412

e-mail: [compagniamissionariacmcentro@gmail.com](mailto:compagniamissionariacmcentro@gmail.com)